

UM FILME DE
JOÃO SALAVIZA &
RENÉE NADER MESSORA

**CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS**



OFFICIAL SELECTION
UN CERTAIN REGARD
FESTIVAL DE CANNES
Special Jury Prize



**CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS**

**JOÃO
SALAVIZA**

**RENÉE
NADER
MESSORA**

SINOPSE

Esta noite, os espíritos e as cobras ainda não apareceram. A floresta ao redor da aldeia está calma. Ihjãc, quinze anos, tem pesadelos desde que perdeu o pai. Ele é um índio Krahô, do Norte do Brasil. Ihjãc avança na escuridão com o corpo suado. Uma voz distante ecoa por entre as palmeiras. A voz do pai chama-o, junto à cascata: chegou o momento de preparar a sua festa de fim de luto para que o espírito possa partir para a aldeia dos mortos.

Rejeitando o seu dever e para escapar do processo de se transformar em xamã, Ihjãc foge para a cidade de Itacajá. Longe do seu povo e da sua cultura, vai enfrentar a realidade de ser um indígena no Brasil contemporâneo.

CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

Quando alguém morre
os mortos levam a alma dele
e cantam com ele
andando e fazendo barulho, barulho de chuva vindo.
Quando o tempo fecha, as almas dos mortos caminham com ele
dizem que vão se divertindo
fazendo barulho
já levaram a alma da pessoa
e vão indo, as almas.
Quando o céu está fechado, anunciando chuva, é que eles chegam
e vão andando.
Eles andam cantando
e fazendo barulho. Chuva chegando, cantoria na aldeia dos mortos.

Citação *HACÀC KRAHÔ*

CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

FICHA TÉCNICA

Ficção / 2018 / Brasil, Portugal
114' / Cor / DCP, ficheiro
Krahô e Português /
Legendado em Português

ELENCO

Henrique Ihjãc Krahô, Raene Kôtô Krahô
e Comunidade da aldeia de Pedra Branca
- Terra Indígena Krahô

EQUIPA

Realização:

João Salaviza, Renée Nader Messoria

Diálogos:

Henrique Ihjãc Krahô, Raene Kôtô Krahô,
Vitor Aratanha, João Salaviza,

Renée Nader Messoria

Produção Executiva:

Isabella Nader

Direcção de Fotografia:

Renée Nader Messoria

Som Directo:

Vitor Aratanha

Desenho de Som:

Pablo Lamar

Mistura de Som:

Ariel Henrique

Montagem:

João Salaviza, Renée Nader Messoria,
Edgar Feldman

Traduções e pesquisa:

Ana Gabriela Morim De Lima, Ian Packer

Produção:

João Salaviza, Renée Nader Messoria,
Ricardo Alves Jr., Thiago Macêdo Correia

Produtoras:

Entrefilmes, Karõ Filmes, Material Bruto

Distribuição Nacional:

Doclisboa, Desforra Apache

TRAILER

<https://youtu.be/4bkVh53sBrl>



**CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS**

**JOÃO
SALAVIZA**

**RENÉE
NADER
MESSORA**

INTRODUÇÃO

Em 2009, Renée viaja ao Tocantins e conhece os Krahô. Foi fotografar um documentário sobre uma festa de fim de luto, e nunca mais passou muito tempo longe da aldeia.

Foram várias ideias e filmes partilhados, que colocavam a imagem no centro do pátio e do pensamento sobre as formas de resistência indígena. Nessas oficinas formou-se o grupo de cinegrafistas, Mentuwajê Guardiões da Cultura, que usam a câmara como arma para a auto-determinação e reafirmação de sua cultura. Alguns anos mais tarde, João juntou-se a este percurso.

Até hoje o casal continua o seu trabalho com a comunidade.

→

CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

Os Krahô são um povo Timbira que pertence à família Jê, e ao tronco linguístico Macro-Jê. À semelhança do resto dos Timbira, auto-intitulam-se “mēhĩ”.

JOÃO
SALAVIZA

São os habitantes originais do Cerrado e, dada a sua vivência prolongada neste meio, desenvolveram conhecimentos ecológicos sofisticados, passados de geração em geração.

RENÉE
NADER
MESSORA

A Terra Indígena Krahô abrange 3200 quilómetros quadrados e localiza-se no nordeste do estado de Tocantins. É considerada uma das áreas mais importantes da savana preservada (Cerrado) do Brasil. Para além da sua biodiversidade considerável, o Cerrado é conhecido como o “berço das águas”, já que aí se encontram as nascentes das maiores bacias hidrográficas do Brasil. Ainda assim, a área tem sofrido uma degradação progressiva provocada pela expansão das fronteiras de agricultura e criação de gado. Inúmeras espécies de animais e plantas encontram-se em risco de extinção. Este bioma é actualmente considerado um dos maiores focos de biodiversidade do Mundo.

CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

OS MORTOS E OS OUTROS

Uma importante porta de entrada para a compreensão do universo do filme e das especificidades do pensamento krahô é o clássico livro da antropóloga portuguesa Manuela Carneiro da Cunha, “Os mortos e os outros. Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa Krahó”.

Como mostra a autora, “os mortos são os outros”. Não estão os Krahô a louvar seus mortos, tampouco a cultuar a ancestralidade. Figuras máximas da alteridade, os mortos são perigosos, pois querem levar consigo seus parentes vivos. Nesta captura, recorrem à saudade, um “lembrar-sentir” nostálgico (amjĩ kãm hapac xà, na língua Krahô) que marca a presença de uma ausência. Este vínculo deve ser rompido após a morte: é preciso que os parentes esqueçam seus mortos, para que estes possam esquecer os vivos. Por isso os Krahô fazem a festa de fim de luto, o Pàrcahàc (“a tora do morto”): para chorar a saudade uma última vez, animar a alma do morto com cantos e danças e, assim, permitir que ele siga para sua nova aldeia.

→

**CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS**

**JOÃO
SALAVIZA**

**RENÉE
NADER
MESSORA**

Outra noção central que permeia todo o filme é a de mēcarõ, um conceito complexo, ambíguo, polissêmico e contextual. Refere-se às imagens projetadas de corpos presentes ou ausentes, admitindo diferentes traduções: almas, espíritos, sombras, reflexos, fotografias, filmes, gravações de uma voz, imagens oníricas. Mais do que simples projeção, mēcarõ é concebido pelos Krahô como atuação e agência do duplo da pessoa, possuindo uma existência móvel e independente do corpo ao qual ele é autônomo, ao mesmo tempo que intrinsecamente relacionado. Esses “espíritos-imagens” realizam a mediação entre o visível e o invisível, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, o universo dos corpos e o das almas. Para os Krahô, após a morte, a alma da pessoa pode se transformar e assumir várias formas, sofrendo sucessivas mortes: animal, planta, pedra, toco de árvore, até virar nada...

CARNEIRO DA CUNHA, M. 1978. Os mortos e os outros. Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa Krahó. São Paulo: Editora Hucitec.



CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

ENTREVISTA

Vasco Câmara
PÚBLICO

Era uma vez o cinema... inventado junto dos *krahô*, povo indígena do Brasil. João Salaviza e Renée Nader Messori foram à procura de algo que só podia nascer sobre os restos de uma maneira de produzir e de filmar de que *Montanha*, que ele realizou e em que ela foi assistente, foi para eles o estertor. Fugiram. Encontraram.

Talvez se entre para *Chuva É Cantoria na Aldeia dos Mortos* com medo do que se vai encontrar. Como se uma parte de nós estivesse em perda com a ruptura que João Salaviza - "sequestrado" por Renée Nader Messori - fez com o cinema e a vida que antes quis e conheceu.

(...)

O filme da fuga impossível do jovem índio Ihjãc, personagem perseguida e atordoada pela "realidade" e pelos "fantasmas" (como antes os jovens de *Arena*, *Rafa* ou *Cerro Negro* nas suas deambulações pela luz e pelas trevas), é o filme da fuga impossível de João Salaviza. Que foi incitado a mudar para, de alguma forma, o essencial ficar na mesma. Fugiu do cinema, encontrou o cinema. E nós encontramos um dos mais bonitos filmes de Cannes

A surpresa, João, é reencontrá-lo no mesmo ponto de fulgor clássico em que o deixámos na anterior longa-metragem e a personagem principal ser de novo um adolescente entre a luz e as sombras, como em *Montanha* ou *Rafa* (2012).

João Salaviza — O filme está indissociável de uma mudança radical na minha vida, o encontro com a Renée, e com este sequestro que ela me fez de me levar a conhecer os *krahô*. A Renée há vários anos que ia lá. Na rodagem do *Montanha*, as coisas que ela me ia contando sobre a vida dos *krahô* era um contraponto absurdo à forma como o filme estava a ser feito - obviamente que estava a ser feito como eu queria, com estrutura grande, equipa, luz, maquinaria, *steadycams*, toda a parafernália que hoje se calhar não me interessa. *Montanha* é um filme

CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

melancólico, nostálgico. Há um peso dramático que estava ligado às coisas que eu vivia na altura e a uma sensação de esgotamento.

Coincidência ou não, fomos ao Brasil, quase para me libertar. E foi nessa altura que começámos a pensar em mudarmo-nos para a aldeia e com o cinema pelo meio. O trabalho que a Renée tem feito com os *krahô*, mesmo sem ser de ficção e sem sair do indigenismo, tentava trabalhar as questões da imagem, as implicações políticas, sociais e estéticas da imagem. O cinema tem esta coisa incrível que é podermos ir para um lugar sem as coisas ficarem envenenadas pela condição de turista, porque temos um ofício – como uma companhia de circo que pode conhecer o mundo porque tem algo para fazer. O facto de termos filmado com o Ihjãc pode parecer relacionado com *Montanha*, mas isso nunca

nos passou pela cabeça. A Renée conhecia-o desde pequeno e houve um período de dois anos em que olhávamos para ele e pensámos...

Renée Nader Messorá — ... será?

Desde cedo ele estava na vossa mira?

R.N.M. — Na verdade tínhamo-nos apaixonado por outro menino da aldeia, mas era difícil aproximarmo-nos. E o Ihjãc estava ali. Quando se chega à aldeia, passamos a fazer parte de uma família que nos acolhe, e o Ihjãc era do meu núcleo. Ele estava sempre ali, e chamava a atenção porque tinha 12 anos e tinha uma namorada sempre com ele: curioso a rondar a minha câmara, os trabalhos e as oficinas que fazíamos. Quando começámos a imaginar *Chuva...*, começámos a prestar atenção nele, ele foi crescendo e deu certo.

J.S. — A história do filme é inspirada na história real de um outro miúdo durante uma primeira visita que fizemos. Começou a sentir-se fraco, doente. Há todo um sistema de diálogo entre os *pajés* [feiticeiro e intermediário espiritual] que enfeitiçam, mas também podem proteger; é uma narrativa quotidiana da aldeia, as disputas, hierarquias e segredos. Aquele miúdo começou a sentir-se mal e um *pajé* descobriu que tinha sido enfeitiçado por outro *pajé*. Era um miúdo deslumbrado, curioso pelo menos pelo mundo dos brancos, da tecnologia, e acabou por fugir para uma cidade a 30 quilómetros. Nessa tentativa de fuga começou a sentir a impossibilidade de diálogo entre a medicina dos *krahô*, que é holística, e a dos brancos, e foi um desencontro de mundos, ontológico, filosófico.

CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

Como a dinâmica de fuga era assumida, pensaríamos que a exuberância da ficção abrandaria. O filme aliás é anunciado como documentário. Mas há um deslumbramento enorme, a aldeia e as pessoas são como um estúdio a céu aberto onde se fabrica um mundo. Numa conversa anterior, contou que havia dias em que nem pegavam na câmara; o mais importante era viver. Como é que o cinema aconteceu assim?

R.N.M. — O João ficou obcecado com aquela crença na feitiçaria, com aquele miúdo que fugiu, que se matriculou na escola e que passou por todo o mundo institucional brasileiro.

Começámos a imaginar caminhos dentro daquele universo, fomos juntando peças.

J.S. — O guião foi um mapa que permitia que não nos perdêssemos e que fôssemos filmando seguindo

os nossos desejos. Há muitas coisas que são pura fruição lúdica dos gestos, das pessoas, de estarmos com elas. As cenas em que os miúdos brincam com o fogo, à noite: pegámos na câmara e fomos filmar, sem som. Ou a cena em que a rapariga pinta as unhas dos pés, sinal de elementos exteriores a invadir a comunidade

R.N.M. — Foi uma reorganização de coisas que fomos vendo e vivendo, eu ao longo de dez anos, o João ao longo de quatro...

Como uma longa *repérage* ainda sem o objectivo declarado de fazer um filme...

R.N.M. — Exactamente. Aquele momento em que o lhjãc está no carro dos serviços de saúde e pergunta o que é “hipocondríaco” – foi uma pergunta que um dia o miúdo me fez. Eu expliquei que ele não estava doente, ele dizia que

sim... Foi uma conversa impossível que transitou desta forma para o filme.

Para os *krahô*, o que era isso de terem pessoas entre eles com uma câmara, diálogos, o “acção” e “corta”?

J.S. — Com o lhjãc foi preciso algum tempo para explicar que era uma história, que queríamos filmá-lo durante bastante tempo. Ele quis estar no filme, mas quando tinha de ir para a roça ceifar ou buscar um parente doente, durante três dias não havia rodagem. Percebemos que havia um lado lúdico. Divertiam-se. Ao terceiro mês de rodagem, ouvimos uma conversa e percebemos que eles se referiam ao acto de filmar como “a brincadeira”.

R.N.M. — O filme não era importante, importante era a

CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

brincadeira. Cortavam o cabelo,
pintavam o cabelo...

J.S. — O que nos causava
problemas de *raccord*. Um dia que
os calções do Ihjãc
desapareceram, tivemos que
comprar outros e guardá-los – ao
fim de três dias, nada é de
ninguém, há um sistema que faz
com que os objectos circulem.

R.N.M. — A certa altura, o Ihjãc
estava assustado por mexer com o
universo da feitiçaria, de forma
lúdica, e achámos que tínhamos de
ter uma reunião com um *pajé* que
todos respeitavam. E ele disse:
“Não se preocupem.” Tínhamos
explicado a história e o que
queríamos, mas só entenderam o
que propúnhamos quando
chegaram as primeiras imagens
do laboratório. Quando pedíamos
para eles repetirem um gesto,
uma acção, eles não percebiam
porquê. Quando viram a

montagem, perceberam...

J.S. — Às tantas o Ihjãc começou
ele próprio a dizer “corta” a meio
das cenas, quando se enganava.

R.N.M. — Antes de começarmos a
filmar mostrámos-lhes *A Cidade
de Deus* [Fernando Meirelles e
Kátia Lund, 2002] e o *making of*.
Eles não tinham ideia dos dois
universos, realidade e ficção.
Ficaram chocados, não percebiam
como é que aquelas crianças do
filme estavam vivas porque viram
o sangue.

**Lateja no filme a enorme
fragilidade de um mundo, gente
ameaçada de todos os lados, por
aquilo a que chamamos "real" e
por aquilo a que chamamos
"espíritos".**

J.S. — Nunca tínhamos explicitado
isso dessa forma, mas a resposta
é: totalmente. Os povos indígenas

vivem um cerco que está a
estrangulá-los cada vez mais.

R.N.M. — Há um conflito, uma
impossibilidade de circular, está
muito presente. Há muitos
preconceitos em relação aos
índios naqueles povoados.

J.S. — Há uma coisa transversal a
todos os regimes desde a chegada
dos portugueses, monarquia,
ditadura militar, nova democracia:
transformar o índio em cidadão
brasileiro, logo, em pobre
brasileiro.

R.N.M. — Essa necessidade é só a
face maquilhada do esbulho das
terras. À medida que se
transforma o índio em brasileiro,
ele já não precisa de ver os seus
direitos indígenas cumpridos. Mas
o índio não se reconhece como
brasileiro. Nem como índio. Vê-se
como membro da sua etnia – e no
Brasil há 280.

CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

Essa sensação de fragilidade, de ameaça, é táctil, como na sequência do reflexo de Ijãc na água.

J.S. — Há uma palavra: *mecarõ*. É o duplo. A imagem na água, a sombra, o espírito...

R.N.M. — ... a fotografia, o cinema, o reflexo no espelho... Isso tudo é uma imagem, isso é *mecarõ*. Quando vêem um filme, eles dizem que viram um *mecarõ*, tal como se se referissem a um espírito.

J.S. — Como são animistas, o mundo dos animais, das pessoas, dos espíritos são universos paralelos dispostos horizontalmente. A divisão entre os mundos físico e metafísico não existe, é uma multiplicidade de existências no mesmo patamar.

Interpretar uma personagem, repetir gestos, é o quê?

R.N.M. — Todos os rituais dos *krahô* são encenação. Parece aleatório quando vemos pessoas a chorar. Mas é um rito supercoreografado. Há milhões de festas com personagens, pessoas que adquirem papéis.

J.S. — Começámos a perceber que o gesto de filmar passou a ser um ritual. O nosso ritual era colocar a câmara no tripé, esperar pela luz e pedir que repetissem coisas quando elas não estavam bem.

De que é que fugiram? Que outra vida é esta?

R.N.M.— Esta relação tão próxima que tivemos com a vida, estarmos ali com uma câmara e não haver ninguém a dizer-nos nada... Tudo tem a ver com o tempo. Numa rodagem normal, tudo é feito para cumprir um plano. O que tira o prazer de estar com uma câmara

apontada a uma presença que se quer capturar, porque é preciso tempo para que aconteça e para digerir o que aconteceu. Conseguimos desapegar-nos da parafernália de uma rodagem comum. Há um filósofo *krahô* que diz que o branco perdeu a paciência do mundo. Sabíamos que tínhamos de fazer um filme com a paciência do mundo.

Mas a experiência não é replicável. Ou é?

J.S. — Vão ser precisos ajustes. Acabámos a rodagem à beira da exaustão. Houve problemas de saúde. Foi duro andar duas horas pelo mato com aquele calor, os nossos corpinhos branquinhos não estão preparados. Não sei se vamos continuar a querer filmar com cobras a aparecer. Uma das cenas mais bonitas é aquela, no fim, em que estão todos a cantar numa casa, a câmara a andar da

CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

esquerda para a direita. Na noite em que ia acontecer essa festa, que esperávamos há meses, adoeci, 40 graus de febre. A cantoria ia começar, a Renée foi ter comigo a dizer que não ia dar. Disse-lhe, “vai filmar”. “Ok, não morras aqui”. Fiquei a ouvir cantorias ao longe, estava já em delírio, só me lembro que horas depois a Renée voltou, não sabia o que tinha feito, tinha andado com a câmara para a direita e para a esquerda, não sabia se fazia sentido algum, porque estava sozinha. Quando vimos as imagens, é o momento mais incrível.

Não há sequência em que se sinta o trabalho formal abandonado ou ultrapassado pelas circunstâncias.

R.N.M. — Isso tem a ver com a nossa conexão com tudo aquilo...

J.S. — ... com o facto de estarmos inebriados. Houve cenas filmadas contra tudo o que fazia sentido. E todas as mais pensadas ficaram fora do filme. Ainda pensámos afirmar mais a nossa presença, com câmara à mão, sujar o filme. Filmámos várias coisas assim, mas não resultou justo. Há a sensação de trabalhar com as limitações no máximo e perceber a essência: pôr a câmara no tripé, esquecer a câmara, ir buscar a malta que vai entrar na cena e que está a três quilómetros dali, pedir a quem vai trazer as tochas com fogo que não se esqueça delas, pedir ao tradutor que, enquanto coloca e aponta o microfone, nos ajude a explicar o que queremos – cenas em que a câmara é uma câmara espírito, porque não há ninguém a operar, eu estou com um reflector para a luz do sol, a Renée a fazer vento para o fogo aumentar, a câmara a filmar...

Isso é quase *studio system*, Hollywood...

R.N.M. — [risos] E tivemos efeitos especiais *krahô*, fumaças e tudo.



CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

CRÍTICAS

O filme tem a beleza
de um sonho.

Clarisse Fabre

Le Monde

.....

Um admirável, (...) fasci-
nante retrato ficcional
do povo Krahô
e da sua luta para
preservar tradições.

Jay Weissberg

Variety

.....

A “vontade de cinema” e o
canto do mundo aliam-se ou
opõem-se, caminhando lado
a lado. (...) Agarra, é real, e
sincero. (...) É um filme feito
para eles – Ihjãc, Kôtô e os
outros – e para nós – se
quisermos – e nestas duas
direcções é límpido.

Luc Chessel

Libération

O filme da paulista Renée
Nader Messora e do
lisboeta João Salaviza
não é produto; é gesto,
é rito... um dos gestos/
ritos mais potentes de
Cannes em 2018. (...)

“Chuva é Cantoria Na
Aldeia dos Mortos” é um
ensaio sobre a
permanência... seja da
Tradição... seja do desejo
de rebelião.

Rodrigo Fonseca

O Estado de São Paulo

.....

Nader Messora e (...) João
Salaviza,
conseguiram entrar nos
ritos e costumes do povo
Krahô para contar uma
história que se encaixa
muito bem na definição
de *coming of age*.

Diego Lerer

Micropsia

O filme da fuga
impossível do jovem índio
Ihjãc, é o filme da fuga
impossível de João
Salaviza. Fugiu do
Cinema, encontrou
o cinema. E nós
encontrámos um dos
mais bonitos filmes
de Cannes.

Vasco Câmara

Público

.....

Chuva é Cantoria na
Aldeia dos Mortos é uma
lufada de ar fresco no
festival, um filme calmo,
atento e empático.

Daniel Kasman

Mubi

**CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS**

**JOÃO
SALAVIZA**

**RENÉE
NADER
MESSORA**

PRÉMIOS

- **Special Jury Prize –
Un Certain Regard
Cannes International
Film Festival**
- **Best Director –
Feature Fiction**
- **Best Cinematography
Festival do Rio**
- **Best Film
Minsk International
Film Festival –
Listapad**
- **Best Film
Lima Film Festival**
- **Best Latin American First
Feature Film
La Orquidea Film Festival**
- **Indie Award
Panorama
Internacional
Coisa de Cinema**
- **Special Jury Award
(Ex Aequo)
Mar del Plata
International Film
Festival**
- **Special Jury Mention
FIDOCS –
Festival Internacional
de Documentales
de Santiago**

**CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS**

**JOÃO
SALAVIZA**

**RENÉE
NADER
MESSORA**

SELECÇÕES EM FESTIVAIS

- Cannes Int. Film Festival
- Mar del Plata Int. Film Festival
- Rio de Janeiro Int. Film Festival
- Lima Film Festival
- London BFI Film Festival
- Munich Int. Film Festival
- Viennale Int. Film Festival
- Torino Film Festival
- Lincoln Center NY Neighboring Scenes
- Vancouver Int. Film Festival
- Ficunam Festival Int. Cine
- New Horizons Int. Film Festival
- São Paulo Int. Film Festival
- Göteborg Film Festival
- Gijón Int. Film Festival
- Marrakech Int. Film Festival
- Havana Film Festival
- La Orquidea Film Festival
- Santa Barbara Int. Film Festival
- Minsk Int. Film Festival Listapad
- Panorama Internacional Coisa de Cinema
- Fidocs Int. Documentary Festival
Santiago Chile
- Film Fest Gent
- Athens Film Festival
- Istanbul Film Festival
- Cork Film Festival
- Zagreb Dox
- IFF Panama Int. Film Festival
- Belgrade Auteur Film Festival
- Spirit of Fire Film Festival Russia
- Festival Márgenes
- Forumdoc Belo Horizonte
- Cine Esquema Novo
- Festival de Cine Global Dominicano
- Praga Febiofest
- IBAFF Murcia Int. Film Festival
- Festival Int. Pachamama Cinema
de Fronteira
- Festival Int. Pontevedra Novos Cinemas
- Joburg Film Festival
- WOW Wales One World Film Festival
- Semana de Cine Português Buenos Aires
- Frames Festival Estocolmo
- Watson Institute Spring Film Series
- Sin Fronteras Film Festival Albuquerque

**CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS**

**JOÃO
SALAVIZA**

**RENÉE
NADER
MESSORA**

BIOGRAFIAS

JOÃO SALAVIZA

Lisboa, 1984. Formado pela Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) em Portugal, e pela Universidad del Cine – Buenos Aires. A sua primeira longa-metragem, *MONTANHA*, estreou no Venice Film Festival. Critic's Week 2015. Criada no seguimento da trilogia de curtas-metragens: *RAFA* (Berlinale Golden Bear 2012), *ARENA* (Palme d'Or at the Festival de Cannes 2009) e *CERRO NEGRO*.

Nos últimos anos voltou à Berlinale com a curta *ALTAS CIDADES DE OSSADAS* e *RUSSA*. *CHUVA É CANTORIA NA ALDEIA DOS MORTOS*, co-realizado com Renée Nader Messori, é a sua segunda longa-metragem.



**CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS**

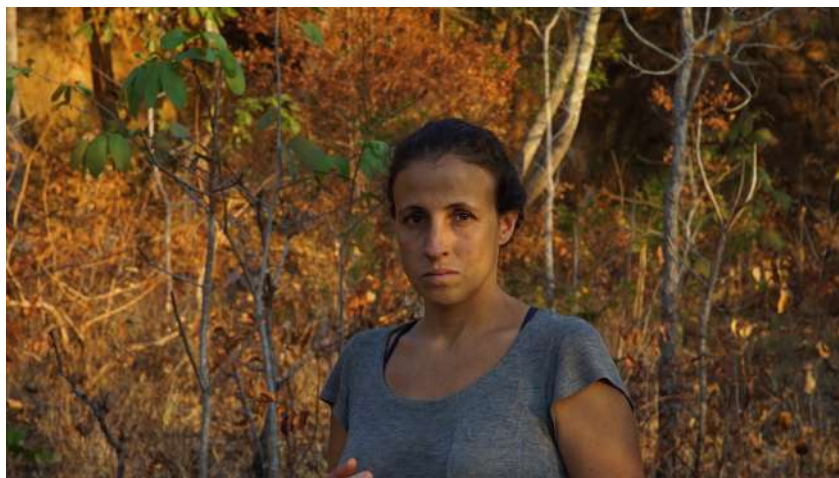
**JOÃO
SALAVIZA**

**RENÉE
NADER
MESSORA**

BIOGRAFIAS

RENÉE NADER MESSORA

Nasceu em S. Paulo em 1979. É formada em Cinematografia na Universidad del Cine - Buenos Aires. Trabalhou durante quinze anos como assistente de realização no Brasil, Argentina e Portugal. Em 2009, Renée Nader Messora conheceu o povo indígena de Krahô. Desde então trabalha com a comunidade, participando na mobilização de um colectivo local de cineastas Krahô. O trabalho deste colectivo foca-se no uso do cinema como ferramenta para auto-determinação e fortalecimento da identidade cultural. *CHUVA É CANTORIA NA ALDEIA DOS MORTOS* é a sua primeira longa-metragem.



CHUVA
É CANTORIA
NA ALDEIA
DOS MORTOS

JOÃO
SALAVIZA

RENÉE
NADER
MESSORA

DISTRIBUIÇÃO:

Desforra Apache
Doclisboa

CONTACTO:

Débora Pereira

comunicacao@doclisboa.org

+351 969165978

www.doclisboa.org

Rua da Rosa, 277 2º andar
1200-385 Lisbon, Portugal

